

CIRCULAÇÃO DE MODELOS SOCIOPEDAGÓGICOS: EXPERIÊNCIAS EM EDUCAÇÃO ESCOLAR EM PORTUGAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX¹

Circulation of socio-pedagogical patterns: experiences in schooling education in Portugal at the beginning of 20th Century

Luiz Carlos Barreira²

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de investigação histórica sobre circulação de modelos socio-pedagógicos em Portugal no início do século XX. Focaliza experiências, no campo da educação escolar, que foram veiculadas na imprensa pedagógica local direcionada aos professores do ensino primário. Objetiva identificar as representações de escola que conformam tais experiências, bem como as que se depreendem dos comentários e análises daqueles que as deram a conhecer. A análise restringiu-se à “Revista de Periódicos”, uma seção da revista *Educação*, que foi publicada pela Sociedade Promotora de Escolas, ao longo de 1913. A Redação dessa revista estava sob a responsabilidade de professores da Escola Oficina n° 1 de Lisboa, instituição criada em 1905 e mantida pela mesma Sociedade. Dentre outras particularidades, essa escola reuniu alguns dos principais protagonistas dos movimentos políticos e sociais no início do século XX em Portugal, como maçons, republicanos e anarquistas.

Palavras-chave: Circulação de Modelos Sociopedagógicos; Imprensa Pedagógica; Revista *Educação* (Lisboa, 1913).

ABSTRACT

This paper presents results of historical research on the circulation of socio-pedagogical patterns in Portugal at the beginning of twentieth century. It focuses on experiences in schooling education that were broadcast in the local pedagogical press addressed to primary school teachers. It aims to identify school representations that conform these experiences as well as those inferred from the comments and analyzes of those who made them known. The analysis was restricted to the “Revista de Periódicos”, a section of the journal *Educação*, which was published by the Sociedade Promotora de Escolas, throughout 1913. The newsroom of this magazine was under the responsibility of the Escola Oficina n° 1 of Lisbon, an institution created in 1905 and maintained by the same Society. Among other features, this school brought together some of the main protagonists of the political and social movements in the early twentieth century in Portugal, as freemasons, republicans and anarchists.

Keywords: Circulation of Socio-Pedagogical Patterns; Pedagogical Press; *Education Magazine* (Lisbon, 1913).

¹ Versão preliminar deste trabalho foi apresentada no IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado na Universidade de Lisboa, em julho de 2012.

² Doutor em Educação: Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio pós-doutoral concluído na Universidade de Lisboa Professor de História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos. E-mail: luizcarlosbarreira@gmail.com.

A recente historiografia da educação portuguesa relaciona os primeiros vinte e poucos anos de atividades da emblemática Escola Oficina nº 1 de Lisboa ao movimento da educação nova em Portugal. Destaca, ainda, que dirigentes e professores dessa escola teriam forjado, em suas práticas educativas cotidianas, um modelo sociopedagógico que então se apresentava como alternativo ao liberal, caracterizado e denominado como libertário (CANDEIAS, 1994). Em 1913, Luís da Matta, um dos primeiros diretores técnicos dessa escola, esteve à frente do projeto de criação de uma revista pedagógica, denominada *Educação*. Vinculada à escola, o principal objetivo dessa revista seria a publicação de relatos de experiências dos docentes da instituição, além de artigos que abordassem temas e questões de natureza teórica e doutrinária. A escolha da revista *Educação*, como fonte e objeto de estudo do trabalho ora apresentado, deveu-se, basicamente, a esses fatores.

O anúncio de uma seção, publicado logo no primeiro número da revista *Educação*, chama a atenção. As últimas linhas desse número da revista prometem, já para o número seguinte, a publicação de uma seção, cujo título seria “Revista de Revistas”. De fato, nesse número, assim como nos demais – com exceção do sétimo, do décimo primeiro e do vigésimo quarto –, a prometida seção passa a ser publicada, mas com outra denominação: “Revista de Periódicos”. Três professores respondem por ela: Adolfo Lima, César Porto e E. G. – iniciais daquele que substituiu Lima no desempenho da função, quando este se desligou da Escola Oficina “por discordâncias sobre o papel que a figura de Diretor Técnico [da Escola Oficina], o seu grande amigo Luís da Matta, deveria ter” (CANDEIAS, 1995, p. 47).

Os redatores de *Educação* empenharam-se para que o professor português do ensino primário conhecesse experiências inovadoras de educação escolar, vividas nos mais diferentes e distantes países do mundo moderno. Por isso, considera-se importante conhecer o universo de periódicos (revistas, jornais, boletins) e de artigos de periódicos que foi dado a conhecer e a ler a esse professor, ainda que de forma parcial e indireta, pois parte-se do suposto de que o professor-leitor teve acesso apenas aos resumos e aos comentários dos artigos dos periódicos publicados na seção “Revista de Periódicos” e não aos artigos na sua íntegra.

Em pouco menos de um ano – fração de tempo que a revista *Educação* foi editada –, exemplares de quarenta e quatro jornais, revistas e boletins procedentes de países localizados nos continentes europeu e americano foram enviados à Redação de *Educação* e o recebimento desses periódicos foi notificado na seção “Revista de Periódicos”.³

³ A relação completa dos periódicos que chegaram à Redação da revista *Educação* é a seguinte: *A Águia* (Porto), *A Luz da Verdade* (Angra do Heroísmo), *A Tutoria* (Lisboa), *Anais da Academia de Estudos Livres* (Lisboa), *Anales de Instrucción Primaria* (Montevidéo), *Archivo de Pedagogia y ciencias afines* (La Plata), *Arquivos do Instituto de Medicina Legal* (Lisboa), *Board of Education* (Londres), *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa* (Lisboa), *Boletim de Propaganda das Escolas Móveis* (Lisboa), *Cuba Pedagógica* (Havana), *Edinburgh School Board* (Edinburgh), *El Monitor de la Educación Común* (Buenos Aires), *Estudios Pedagógicos* (Madri), *Il Corriere delle Maestre* (Milão), *Il Recensore* (Roma), *Infancia e Suplemento à Infancia* (Montevidéo), *L'Art à L'École* (Paris), *L'Art à L'École et au Foyer* (Bruxelas), *L'Enfant* (Paris), *L'Enseignement dans la Famille* (Paris), *L'Enseignement Primaire* (Quebec), *L'Hygiène Scolaire* (Paris), *L'Igiene della Scuola* (Gênova), *L'Intermédiaire des Educateurs* (Genebra), *La Cultura Popolare* (Milão), *La Educación Moderna* (La Paz), *La Escuela Moderna e Suplemento à la Escuela Moderna* (Madri), *La Gymnastique Scolaire* (Bruxelas), *La Revue Psychologique* (Bruxelas), *Lumen* (Lisboa), *O Guarda-Livros* (Porto), *O Instituto* (Coimbra), *Revista de Educação*

Dentre eles, chama a atenção o expressivo número de periódicos editados na América Latina (Uruguai, Argentina, Cuba, Bolívia, Brasil e Honduras), apesar de apenas um deles (a revista *Infancia*, editada em Montevidéu), como se verá, ter sido objeto de comentários na seção “Revista de Periódicos”.

Além dos periódicos acima referidos, outros vinte e nove jornais, revistas e boletins também foram notícia na seção “Revista de Periódicos”, apesar de a Redação de *Educação* não ter acusado recebimento de exemplares de nenhum deles.⁴ Curiosamente, a grande maioria dos artigos glosados na seção foi extraída desse conjunto.

Os editores da seção “Revistas de Periódicos” da revista *Educação* não se limitaram, como já dito, a notificar a chegada de periódicos à Redação ou a fazer referência à publicação de outros tantos periódicos que não tiveram o mesmo destino. Fizeram mais. Glosaram ou fizeram menção a artigos publicados em quarenta e seis deles.⁵ Desse conjunto de periódicos destacam-se os editados na Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e Suíça (aproximadamente, 70% do total).

Essa prática de resumir, glosar ou simplesmente citar artigos publicados em outros periódicos chama a atenção, sobretudo por explicitar a circulação de experiências de educação escolar ensaiadas em outros países do mundo, as quais os redatores da revista *Educação* tinham interesse em fazer circular. A análise desses materiais e das leituras que, deles, foram feitas possibilitou a identificação das representações de escola referidas no início deste texto. Como se verá, a apreensão dessas representações ensejou, por sua vez, o conhecimento e a compreensão de certas particularidades dos modelos sociopedagógicos em circulação e em disputa no período.

(Lisboa), *Revista de Educación* (La Plata), *Revista de Ensino* (São Paulo), *Revista de Ensino Médio e Profissional* (Lisboa), *Revista de História* (Lisboa), *Revista de Infancia* (Lisboa), *Revista de la Instrucción Pública de Colombia* (Bogotá), *Revista de la Universidad* (Tegucigalpa), *Revista Infantil* (Lisboa), *The Journal of Education* (Londres) e *Supplement to the Journal of Education* (Londres), *The Parent's Review* (Londres).

⁴ A relação completa desses periódicos é a seguinte: *A Federação Escolar* (Porto), *A Mocidade* (Porto), *A Vida Portuguesa* (Porto), *Arauto Escolar* (Aveiro), *Bandarilhas de Fogo* (Lisboa), *Der Säemann* (Berlim/Leipzig), *Deutsche Lehrerzeitung* (Berlim), *Educação Nacional* (Porto), *Educational Review* (New York), *Federação Escolar* (Porto), *Journal of Educational Psychology* (Washington), *L'École Nouvelle* (Paris), *L'Éducateur Moderne* (Paris), *L'Éducation* (Paris), *L'Éducation Infantile* (Paris), *O Caixeiro* (Lisboa), *O Nauta* (Ílhavo), *Revista de Educación* (Barcelona), *Revue Hebdomadaire* (Paris), *Revue Internationale de L'Enseignement* (Paris), *Revue Pédagogique* (Paris), *School and Home Education* (Illinois), *School Hygiene* (Londres), *The Educational Times* (Londres), *The Pedagogical Seminary* (Massachusetts), *The School World* (Londres), *Volume* (Paris), *Zeitschrift für Kinderforschung* (Zurique), *Zeitschrift für Philosophie und Pädagogik* (Langensalza).

⁵ A relação completa desses periódicos é a seguinte: *A Federação Escolar* (Porto), *A Mocidade* (Porto), *A Tutoria* (Lisboa), *A Vida Portuguesa* (Porto), *Anais da Academia de Estudos Livres* (Lisboa), *Arauto Escolar* (Aveiro), *Bandarilhas de Fogo* (Lisboa), *Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa* (Lisboa), *Boletim de Propaganda das Escolas Móveis* (Lisboa), *Der Säemann* (Berlim/Leipzig), *Deutsche Lehrerzeitung* (Berlim), *Educação Nacional* (Porto), *Educational Review* (New York), *Federação Escolar* (Porto), *Infancia e Suplemento à Infancia* (Montevidéu), *Journal of Educational Psychology* (Washington), *L'Art à L'École* (Paris), *L'École Nouvelle* (Paris), *L'Éducateur Moderne* (Paris), *L'Éducation* (Paris), *L'Éducation Infantile* (Paris), *L'Enfant* (Paris), *L'Hygiène Scolaire* (Paris), *L'Igiene della Scuola* (Gênova), *L'Intermédiaire des Educateurs* (Genebra), *La Coltura Popolare* (Milão), *La Escuela Moderna e Suplemento à la Escuela Moderna* (Madri), *O Caixeiro* (Lisboa), *O Instituto* (Coimbra), *O Nauta* (Ílhavo), *Revista de Educação* (Lisboa), *Revista de Educación* (Barcelona), *Revista de Ensino Médio e Profissional* (Lisboa), *Revue Hebdomadaire* (Paris), *Revue Internationale de L'Enseignement* (Paris), *Revue Pédagogique* (Paris), *School and Home Education* (Illinois), *School Hygiene* (Londres), *The Educational Times* (Londres), *The Journal of Education and Supplement to the Journal of Education* (Londres), *The Parent's Review* (Londres), *The Pedagogical Seminary* (Massachusetts), *The School World* (Londres), *Volume* (Paris), *Zeitschrift für Kinderforschung* (Zurique) e *Zeitschrift für Philosophie und Pädagogik* (Langensalza).

1. Das Referências Teóricas e Metodológicas

Na história da leitura e dos impressos, as contraditórias relações que autores, editores, comentadores, censores e leitores estabelecem entre si precisam ser consideradas se o que se quer é, segundo Roger Chartier (1999), compreender o processo de produção de sentidos. Apoiado nas reflexões de Michel de Certeau, Chartier contrapõe práticas de produção, distribuição e circulação de textos (empreendidas por autores, editores, comentadores e censores) com práticas de leitura. Nas suas palavras,

O autor, o livreiro-editor, o comentador, o censor, todos pensam em controlar mais de perto a produção do sentido, fazendo com que os textos escritos, publicados, glosados ou autorizados por eles sejam compreendidos, sem qualquer variação possível, à luz de sua vontade prescritiva. Por outro lado, a leitura é, por definição, rebelde e vadia. Os artifícios de que lançam mão os leitores para obter livros proibidos, ler nas entrelinhas, e subverter as lições impostas são infinitos (p. 7).

Ciente de que as práticas de leitura são, por definição, “rebeldes e vadias”, e de que elas desempenham papel fundamental nos processos de produção de sentidos, este texto se ocupa de tais práticas e as têm sempre presentes, ainda que não trabalhe com práticas de leitura de professores primários, principais destinatários dos periódicos focalizados neste texto. Procura compreender e explicitar práticas de glosadores e censores de textos (artigos) veiculados pela imprensa periódica especializada (de educação e ensino) em Portugal, no início do século XX, partindo do pressuposto de que autores, editores e comentadores são também leitores. Leitores de si, das suas práticas de escrita, das pessoas com as quais convive, da sociedade, enfim, do mundo que os cerca. São essas leituras, “rebeldes e vadias”, o foco deste trabalho.

2. Do Conjunto de Artigos Resumidos, Comentados ou Citados em “Revista de Periódicos”

Sessenta e quatro artigos foram resumidos e comentados e outros cinquenta e sete foram apenas citados na seção “Revista de Periódicos” da revista *Educação*. Nem todos esses artigos têm, entretanto, seus títulos e autorias revelados. No primeiro conjunto de artigos (os que foram resumidos e comentados), 25% não têm a autoria e 58% não têm o título informados. No segundo (os que foram apenas citados), 9% não têm a autoria e 47% não têm o título informados. Nesses casos, os artigos são genericamente apresentados, via de regra em função do seu gênero textual – artigo, conferência, estudo, resumo, crônica, bibliografia ou relatório sobre tal assunto, por exemplo. O quadro a seguir traz a relação completa dos artigos que foram resumidos e comentados.

Quadro 1 – Artigos resumidos e comentados na seção “Revista de Periódicos”

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO
Trabalhos manuais.	Manuel José António	A Federação Escolar (Porto)
Artigo sobre pedagogia somática normal.	Adolfo Coelho	A Tutoria (Lisboa)
Artigo sobre pavilhões escolares.	Elísio de Campos	Boletim de Propaganda (Lisboa)
Artigo sobre as associações excursionistas de estudantes e estudentas e as suas grandes vantagens.	Não identificado.	Der Säemann (Berlim/Leipzig)
Pädagogik und Psychologie.	W. Kabitz	Der Säemann (Berlim/Leipzig)
Artigo sobre a explicação dos sexos no ensino da história natural.	Não identificado.	Der Säemann (Berlim/Leipzig)
Artigo sobre os efeitos da revolução sobre o sistema educativo da China.	P. W. Kuv	Educational Review (New York)
Artigo sobre a eficácia da recitação da história.	Arthur Wolfson	Educational Review (New York)
Factors in training the high school teacher.	James E. Russell	Educational Review (New York)
Artigo sobre a tendência do moderno ensino das línguas nos Estados Unidos.	W. R. Prince	Educational Review (New York)
Artigo sobre fim e métodos do ensino das línguas vivas.	W. R. Prince	Educational Review (New York)
Artigo sobre inteligência.	Dr. Toulouse	Infância (Montevideu)
Artigo sobre a escola laica e a clerical.	Camila Pert	Infância (Montevideu)
A educação estética na escola primária.	Roger Cousinet	L'Éducateur Moderne (Paris)
Novo método de ensino de Aritmética.	Dimitre Galanine	L'Éducateur Moderne (Paris)
Artigo sobre jardins de infância.	Margarida Gemahling	L'Enfant (Paris)
Dos desvios da coluna vertebral de origem escolar.	Dr. Rechard	L'Higiène Scolaire (Paris)
Conferência sobre a questão das férias e feriados.	Dr. Guinon	L'Higiène Scolaire (Paris)
Reposta dada pela Revista à pergunta formulada por A. Hanson, sobre estádios da inteligência.	L'Intermédiaire des Educateurs	L'Intermédiaire des Educateurs (Genebra)
Artigo sobre alimentação das crianças.	Alessandro Schiavi	La Cultura Popolare (Milão)
É conveniente o internato ou o semi-internato nas escolas primárias e normais?	Lorenzo Niño e Viñas	La Escuela Moderna (Madrid)
Artigos que descrevem os métodos e processos da escola de João Legthart, situada no bairro pobre de Haia.	Vários, mas não identificados.	La Escuela Moderna (Madrid)

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO
Artigo sobre a finalidade da educação física.	Morais Manchego	O Caixeiro (Lisboa)
Programas e Planos de Ensino.	Adolfo Coelho	O Instituto (Coimbra)
Artigo sobre livros de leitura.	Salvador Vallès	Revista de Educación (Barcelona)
A Moral e as Universidades.	Artur Bauer	Revue Internationale de L'Enseignement (Paris)
A Escola de Altos Estudos Hispânicos.	Não identificado.	Revue Internationale de L'Enseignement (Paris)
Educação para o jogo.	Geo. A. Brown	School and Home Education (Illinois)
Réplica dirigida a Bagley.	J. W. Howerth	School and Home Education (Illinois)
Artigo sobre a correlação da higiene e da educação cívica.	Elisabeth De Bruin	School Hygiene (Londres)
Artigo sobre uma nova tentativa de classificação dos mentalmente defeituosos.	Dr. Frederico Langmead	School Hygiene (Londres)
Training or experience.	Não identificado.	Supplement to The Journal of Education (Londres)
Robert Owen e o seu trabalho em prol da educação.	David Pearson	Supplement to the Journal of Education (Londres)
Fitos e ideais da escola.	Philip Oyler	The Educational Times (Londres)
Artigo sobre o civismo na escola.	R. K. Polkinghorne	The Journal of Education (Londres)
Artigo sobre premiação no sistemas de exames em Oxford e Cambridge.	Não identificado.	The Journal of Education (Londres)
Artigo sobre excursões educativas.	Não identificado.	The Journal of Education (Londres)
Artigo sobre a alimentação na infância.	Não identificado.	The Journal of Education (Londres)
Artigo sobre pedagogia.	Não identificado.	The Journal of Education (Londres)
Artigo sobre o método da educadora italiana Montessori.	Edmundo Holmes	The Journal of Education (Londres)
Training and its reward in Prussia.	Mark Mayo	The Journal of Education (Londres)
A educação elementar na democracia.	E. O. Lewis	The Journal of Education (Londres)
Educação Técnica para a Nação.	James Baker	The Journal of Education (Londres)
A bacteriologia sem microscópio.	Não identificado.	The Journal of Education e Supplement to the Journal of Education (Londres)

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO
A vida como educadora.	Geraldina E. Hodyson	The Journal of Education e Supplement to the Journal of Education (Londres)
O ensino da história e a paz internacional.	Helena Wodehouse e Helena M. Madeley	The Journal of Education e Supplement to the Journal of Education (Londres)
A República de Jorge Júnior e as suas lições de caráter.	Rev. Frederico Hankinson	The Parent's Review (Londres)
Artigo sobre a parte que deve pertencer ao pai na educação das crianças.	Dunstan Brewer	The Parent's Review (Londres)
Artigo sobre o instinto de curiosidade nas crianças.	Miss Brown Smith	The Parent's Review (Londres)
Artigo sobre a idade fisiológica e a admissão escolar.	Arthur Beik	The Pedagogical Seminary (Massachusetts)
Estudo sobre os processos mentais e o álcool.	Karl J. Karlson	The Pedagogical Seminary (Massachusetts)
Associação ordenada como condição da saúde mental.	William H. Burnham	The Pedagogical Seminary (Massachusetts)
Artigo sobre o uso da história da matemática no ensino da geometria, álgebra etc., elementares.	J. Ketz	The School World (Londres)
A educação secundária feminina na Prússia.	Não identificado.	The School World (Londres)
Resumo de um relatório da Junta sobre a importância do trabalho manual.	Junta Consultiva do Trabalho Prático nas Escolas Secundárias	The School World (Londres)
Trabalho sobre o uso do cinematógrafo no ensino da geografia.	Não identificado.	The School World (Londres)
Artigo sobre a tão debatida reforma da nomenclatura gramatical.	E. A. Sonnenschein	The School World (Londres)
Experiências no ensino de alemão.	Artur W. Pegrum	The School World (Londres)
Artigo sobre a troca de crianças entre famílias de línguas diversas.	G. F. Bridge	The School World (Londres)
Artigo sobre as aplicações do cinematógrafo.	Bruce Forrest	The School World (Londres)
Artigo sobre agramatismo (continuação).	Não identificado.	Zeitschrift für Kinderforschung (Zurique)
Investigações experimentais sobre a fadiga (continuação).	Não identificado.	Zeitschrift für Kinderforschung (Zurique)
Estudo sobre a psicologia de um deficiente.	Não identificado.	Zeitschrift für Kinderforschung (Zurique)
Artigo sobre o desenvolvimento de uma criança de três anos.	Não identificado.	Zeitschrift für Kinderforschung (Zurique)

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

Como que a se justificar por ter de apenas citar certos artigos, o comentário de Cesar Porto, a propósito dos artigos publicados em abril de 1913 no periódico *Der Sæemann*, é um indício dos possíveis critérios utilizados pelos editores de “Revista de Periódicos” para a seleção dos artigos que seriam glosados e dos que seriam apenas citados na referida seção. Ao citar o “curioso e interessante” trabalho de H. Walter, intitulado “Por que mentimos, nós estudantes?”, César Porto afirma:

Não é possível resumir todas as excelentes verdades acumuladas nessas seis páginas; tiraremos unicamente como conclusão permitida, que a causa fundamental do mentir e do enganar, de que o aluno lança mão para encobrir outras faltas, está em grande parte na distância e nos rigorismos do professor, mal orientado por vezes – por isso que muitos educandos, que teriam como vexatório mentir aos seus condiscípulos, não escrupulizam em fazê-lo para o magister, em quem vêem o inimigo (Cesar Porto, citando artigo publicado em abril de 1913 no mensário berlinense *Der Sæemann*).

O quadro que segue traz a relação completa dos artigos que foram citados, ou brevemente comentados, na seção “Revista de Periódicos”.

Quadro 2 – Artigos citados na seção “Revista de Periódicos”

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO
Maternidade.	Alexandre Barbas	A Tutoria (Lisboa)
Educação física nas escolas.	Mário de Aragão	A Tutoria (Lisboa)
O céu de Portugal.	Pedro José da Cunha	Anais da Academia de Estudos Livres -Universidade Popular (Lisboa)
Artigo sobre a situação (pouco invejável) do professor primário português.	Não identificado.	Arauto Escolar (Aveiro)
Analfabetos.	Não identificado.	Bandarilhas de Fogo (Lisboa)
Instrução popular agrícola.	C. Melo e Coutinho	Boletim da Associação Central da Agricultura Portuguesa (Lisboa)
Da brincadeira à experimentação.	O. Frey	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
Latim.	Arthur Bonus	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
Artigo sobre educação musical.	Fritz Jöde	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
Por que mentimos, nós estudantes?	H. Walter	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
A Pedagogia como Arte.	Engen Stam	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
Artigo sobre o uso dos temas no ensino do latim e do grego.	Martin Havenstein	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
Artigo sobre o ensino da caligrafia.	Fritz Kuhlmann	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
A Ética de todos os dias.	Ella Lyman Cabot	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)
Artigo sobre a origem e desenvolvimento do método da Dra. Monstessori.	Muggianni-Griffini	Der Sæemann (Berlim/Leipzig)

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO
Artigo sobre resultados escolares na Alemanha.	Nehm	Deutsche Lehrerzeitung (Berlim)
Artigo sobre a teoria “recapitulativa” e suas aplicações ao ensino.	Ellis W. Shuler	Educational Review (New York)
O que se passa em Oxford.	Thomas Papillon	Educational Review (New York)
O ano sabático para os professores das escolas públicas.	Katharine F. Belcher	Educational Review (New York)
Artigo sobre instrução em matérias sexuais.	Não identificado.	Educational Review (New York)
Extensa bibliografia coligida por...	Frank A Manny	Educational Review (New York)
Relatório anual (1912) do Sindicato dos Professores Primários de Portugal.	Sindicato dos Professores Primários de Portugal	Federação Escolar (Porto)
O cronômetro na lição de leitura.	Emm. Duvillard	Intermediaire des Educateurs (Genebra)
Artigo sobre a situação das professoras na França.	Émile Hinzelin	L'École Nouvelle (Paris)
L'École et la vie de l'enfant.	John Dewey	L'Éducation – Revista trimestral de educação familiar e escolar (Paris)
A colocação das raparigas na Rússia.	Jacques Teutsch e Paul Kahn	L'Enfant (Paris)
Crônica sobre tribunais infantis.	Não identificado.	L'Enfant (Paris)
Artigo sobre hierarquia intelectual e condições socioeconômicas.	Vicenzo Gandini	L'Igiene della Scuola (Gênova)
Um problema a resolver.	Linda Malnati	La Coltura Popolare (Milão)
Artigo sobre educação.	Luís Leitão	O Nauta (Ílhavo)
Atas das sessões da Sociedade de Estudos Pedagógicos.	Sociedade de Estudos Pedagógicos	Revista de Educação (Lisboa)
A natureza do raciocínio matemático.	Pedro José da Cunha	Revista de Educação (Lisboa)
O problema da obrigatoriedade do ensino primário e frequência das escolas.	Tiago dos Santos Fonseca	Revista de Educação (Lisboa)
Artigo sobre fadiga psíquica.	Dr. J. Estrany	Revista de Educació (Barcelona)
Les instituteurs.	Artur Gervais	Revue Hebdomadaire (Paris)
A moral e as universidades.	Artur Bauer	Revue Internationale de L'Enseignement (Paris)
A noção de “homem natural” na pedagogia de Rousseau.	Francisque Vial	Revue Pedagogique (Paris)
The knell of formal training.	Não identificado.	The Educational Times (Londres)

TÍTULO	AUTOR	PERIÓDICO
Artigo sobre o ritmo na educação.	Jacques-Dalcroze	The Educational Times (Londres)
Crônica sobre as tendências do pensamento educativo.	Não identificado.	The Journal of Education (Londres)
Artigo sobre grupos de scouts nas escolas elementares.	Ernest Young	The Journal of Education e Supplement to the Journal of Education (Londres)
Artigo sobre critérios dos exercícios físicos à luz da educação em conjunto.	Cloudesley Brereton	The Journal of Education e Supplement to the Journal of Education (Londres)
Artigo sobre o valor da imaginação e a necessidade de incitar as crianças ao desenvolvimento dessa faculdade.	A. S. Esslemont	The Parent's Review (Londres)
Artigo sobre a educação do artista.	Bourdon	The Parent's Review (Londres)
O que nós necessitamos realmente na educação.	J. Stogdon	The Parent's Review (Londres)
Na arte de ver.	J. E. Southall	The Parent's Review (Londres)
Artigo sobre a educação da vontade.	Mrs. Scott	The Parent's Review (Londres)
Artigo sobre trabalho de agulha e o seu valor moral.	Hilda Skinner	The School World (Londres)
Uso do gramofone nas escolas.	R. F. Patterson	The School World (Londres)
Geografia quantitativa e sua aplicação a um ensino realmente moderno.	B. C. Wallis	The School World (Londres)
Artigo sobre a instrução secundária alemã.	A. A. Somewille	The School World (Londres)
Artigo sobre o cinematógrafo na sua aplicação ao ensino.	Mark Mays	The School World (Londres)
Artigo sobre o cinematógrafo na sua aplicação ao ensino.	W. Sanderson	The School World (Londres)
Artigo sobre o cinematógrafo na sua aplicação ao ensino.	R. Gregory	The School World (Londres)
Discipline individuelle et discipline collective	Paul Bernard	Volume (Paris)
As quatro ideias éticas da Lialdade, Benevolência, Concordia e Justiça	Dr. Matthias Ratkowksy	Zeitschrift für Philosophie und Pädagogik (Langensalza)
Artigo sobre o hábito psicomecânico do cálculo.	K. Hossann	Zeitschrift für Philosophie und Pädagogik (Langensalza)

Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

3. Dos Títulos dos Periódicos

Os títulos de alguns dos periódicos arrolados nos quadros acima apresentados podem ser tomados como indicadores dos processos de produção de sentidos desencadeados pelos editores desses periódicos, provavelmente em sintonia com as forças sociais que

esses atores sociais representavam. Um exercício de leitura (de apropriação), bastante possível, de alguns desses títulos sugere alguns dos sentidos que eles comportam, ou poderiam comportar.

The School World (O Mundo Escolar), por exemplo, sugere ser a escola uma instituição social complexa, com identidade própria. Em *Der Säemann* (O Semeador), o próprio impresso parece autorrepresentar-se como semeador da modernidade; a imprensa é concebida, nesse caso, como ação social potencialmente transformadora. *L’Hygiène Scolaire* (A Higiene Escolar) parece conferir à escola papel privilegiado no ensino da higiene; nesses termos, a higiene deixaria de ser uma prática social de foro íntimo, para se converter em “coisa pública”. Em *L’Educateur Moderne* (O Educador Moderno) tem-se uma nova representação social do professor e demais atores sociais direta ou indiretamente ligados à formação do ser social; representações sobre o “antigo” e o “moderno” são disseminadas. *La Escuela Moderna* (A Escola Moderna) sugere a confirmação dessa linha de raciocínio; parece haver, aí, uma representação social da escola que se caracteriza pela negação de um “velho” estilo de escolarização e, ao mesmo tempo, pela afirmação de um “novo” estilo de escolarização. *The Parent’s Review* (A Revista dos Pais) parece querer ressignificar a participação dos pais no processo de escolarização dos filhos; uma vez mais, a imprensa é aqui representada como ação social potencialmente transformadora de hábitos e costumes. *Zeitschrift für Kinderforschung* (Revista de Investigação Infantil) a infância deve ser objeto da ciência, outra marca da modernidade em curso. Por fim, em *The Educational Times* (Tempos de Educação), uma representação social a ratificar a crença na inabalável capacidade de transformação social, pela educação.

Desse exercício de leitura, duas considerações podem ser destacadas: a imprensa como prática social (indutora de processos de produção de sentidos) e a escola (pública ou privada) como instituição social privilegiada para a formação, em bases científicas, do ser social.

4. Dos Autores dos Artigos Glosados e dos Assuntos sobre os quais Versam

Raramente os glosadores dos artigos referidos em “Revista de Periódicos” fornecem informações sobre os autores dos textos que leem, comentam e recomendam. Quando muito, dão-nos os nomes e, às vezes, um ou outro indício do que fazem tais autores. Nas raras vezes em que isso ocorre, as profissões nominadas são: professores que lecionam em universidades ou em colégios politécnicos; inspetores de ensino; médicos; inspetores médicos das escolas; diretores de escola; encarregados de órgãos públicos, como o Boarding of Education, por exemplo; pastores protestantes.

4.1 Autores

Alguns dos autores dos artigos referidos em “Revista de Periódicos” são do sexo feminino. São inglesas, na sua grande maioria, mas também norte-americanas, francesas, holandesas, alemãs e italianas. Escrevem sobre vários assuntos, os quais podem ser

considerados como indicadores de questões potencialmente reveladoras de algumas das inquietações políticas, sociais, econômicas e culturais de parte do mundo ocidental, como Europa e Estados Unidos da América do Norte, nas primeiras décadas do século XX.

A militante anarquista, Camila Pert,⁶ é uma dessas mulheres-autoras. Em artigo publicado na revista uruguaia *Infancia*, ela defende a laicização da educação escolar. Na esteira de Camila Pert, mas com traços ideológicos distintos, a militante socialista, Linda Malnati,⁷ em artigo publicado no periódico milanês, *La Cultura Popolare*, defende a estatização dos asilos infantis, então administrados por casas pias, que visavam, segundo ela, tão somente a subordinação social da infância abandonada.

Outras vozes femininas, além dessas duas, fizeram-se ouvir: a da educadora norte-americana, Ella Lyman Cabot,⁸ foi uma delas. Em artigo publicado na revista berlinense, *Der Säemann*, a educadora norte-americana discorre sobre um problema moral que, segundo ela, se encontrava na ordem do dia: a ética e o abandono de antigas sanções.⁹ R. K. Polkinghorne,¹⁰ outra ilustre educadora, provavelmente britânica, também escreveu sobre educação moral. Em artigo publicado no periódico londrino, *The Journal of Education*, afirma que a melhor forma de proceder, nessa disciplina, seria fazer com que as crianças tomassem parte do governo da escola. Elisabeth Du Bruin, educadora holandesa que migrou para os Estados Unidos em 1921, foi outra voz feminina que se fez ouvir. Em artigo publicado no periódico londrino, *School Hygiene*, pronunciou-se sobre educação cívica e higiene. Para ela, o civismo não deveria ser assunto a ser trabalhado (ensinado) à parte das demais matérias e disciplinas escolares. A história e a higiene social, por exemplo, deveriam estar inteiramente relacionadas com o ensino do civismo.

Por fim, vozes femininas sobre as quais pouca ou nenhuma informação foi encontrada. Foram elas: a de Margarida Gemahling, que escreve sobre jardins da infância; a de Geraldina E. Hodyson, que escreve sobre a importância de o professor não permanecer refém de obras científicas sobre psicologia, mas aprender a ler os homens, os que estão

⁶ Os principais romances dessa escritora francesa, segundo as inúmeras fontes webgráficas consultadas, foram publicados por Ediciones Española, Madri, nos anos 1920. Dentre eles, estão *La Pequeña Cady*, *La Señora Cady*, *El Divorcio de Cady*, *Relaciones Culpables*, *Los Amores Perversos de Rosa Scari: novela* e *En Anarquía*. Os rastros deixados por esses livros evidenciam que eles circularam por várias cidades espanholas, como Barcelona (Cataluña), Bilbao (Bizka), Puente Tocinos (Murcia), Alicante (Valencia), Granda (Siero) e Guadalajara (Castela a Mancha), além de Madri. E, por Espanha, é provável que tenham atravessado o Atlântico e chegado à América Latina.

⁷ A italiana, Linda Malnati (1855-1921) foi uma ferrenha defensora do direito da mulher ao trabalho e da infância abandonada. Profissionalmente, atuou como professora primária e diretora de grupo escolar. Foi organizadora da associação dos professores primários de Milão, uma das principais organizadoras do movimento operário feminino de Milão e militante de vários movimentos sociais, como o movimento pela paz e pelo voto feminino. Foi uma das idealizadoras ainda, do projeto educacional “Case per bambini”, inspirado na experiência de Maria Montessori em Roma [Cf. [http://www.treccani.it/enciclopedia/linda-malnati_\(Dizionario-Biografico\)](http://www.treccani.it/enciclopedia/linda-malnati_(Dizionario-Biografico))].

⁸ A educadora norte-americana, Ella Lyman Cabot (1866-1934), estudou em Harvard (1897-1903) e foi professora na Salem Normal School. Foi autora de inúmeros livros sobre educação cívica [Cf. <http://oasis.lib.harvard.edu/oasis/deliver/~sch00485>].

⁹ Infelizmente, os comentários feitos pelos glosadores desse artigo de Ella Lyman Cabot na seção “Revista de Periódicos” são bastante superficiais e, por isso, não autorizam quaisquer interpretações das teses defendidas pela autora sobre o assunto.

¹⁰ As fontes webgráficas consultadas não possibilitaram aferir a nacionalidade de R. K. Polkinghorne, autora de vários livros, dentre os quais: *Toy-Making in School and Home*, publicado por George G. Harrap e Cia. Ltda., em 1921; *Further Steps in English Composition* (dados de edição não conhecidos); *The Art of Needlecraft* (dados de edição não conhecidos), *Heroes of Christianity* (dados de edição não conhecidos) e *York of Histories* (dados de edição não conhecidos).

em volta de si, inclusive as individualidades de outros tempos; a de Katharine F. Belcher, que reconhece a importância do ano sabático para os professores das escolas públicas e advoga a necessidade de doze meses de férias para os professores de Nova York, para que estes pudessem viajar ou estudar, a exemplo do que acontecia em outras cidades norte-americanas; a de Hilda Skinner, que escreve sobre o valor moral do trabalho de agulha; a de Miss Brown Smith, que discorre sobre o instinto de curiosidade nas crianças; e a de Mrs. Scott, que apresenta uma interessante reflexão sobre a educação da vontade.

A esmagadora maioria dos articulistas, entretanto, é constituída por representantes do sexo masculino. Dos cerca de cinquenta articulistas do sexo masculino identificados, os de ascendência inglesa e norte-americana somam mais da metade; na sequência, e em ordem decrescente, estão os portugueses, os franceses, os alemães, os espanhóis e os italianos; finalizando a lista, um prussiano, um russo e um chinês.¹¹

4.2 Assuntos

Foram muitos e diversificados os assuntos contemplados nos artigos glosados em “Revista de Periódicos”, independentemente do sexo dos seus autores. Esses assuntos foram agrupados em grandes eixos temáticos, para que se tenha uma ideia, ainda que aproximada, do conjunto, a saber:

- Concepções de educação escolar: educação integral (física, moral, artística, cívica).
- Fundamentos científicos das práticas pedagógicas: as ciências que concorrem para a consecução dos objetivos traçados para a escola moderna: Filosofia, Biologia, Psicologia, História, Estatística, Nutrição, Educação Física.
- Desenvolvimento infantil: relação entre desenvolvimento físico e mental das crianças e diferenças culturais, étnicas e sociais; relação entre alimentação, deficiência física e aproveitamento escolar; deficiência mental e educação escolar.
- Políticas públicas e reformas do ensino: universalização do ensino primário, educação técnica e ensino profissional (na Inglaterra); o que considerar nas futuras reformas do ensino (em Portugal); políticas de formação e profissão docente (na Prússia).
- Instituições escolares: jardins de infância, família e aquisição de hábitos (higienização das atividades domésticas); internatos e externatos nas escolas normais primárias; escolas de altos estudos hispânicos e portugueses.
- Formação de professores: formação de professores para o ensino profissional; formação de professores e experiência de vida; o professor como observador (Montessori).
- Questões relativas às práticas de ensino: da história, da geometria e da álgebra elementares e dos idiomas modernos, entre outras disciplinas e atividades.
- Questões relativas a outras práticas pedagógicas, como: relação entre alimentação e rendimento escolar; os malefícios do álcool; a importância da pausa nos processos

¹¹ Por serem muitos, não receberam, neste trabalho, o mesmo tratamento dispensado às mulheres-escritoras acima referidas.

de ensino e aprendizagem; excursões educativas; a natural curiosidade das crianças; a relação entre disciplina escolar e interesse do aluno; avaliação da aprendizagem escolar.

- Cultura material escolar: expansão da oferta de ensino e construção de edifícios escolares (edifícios de madeira); parceria público-privado; mobiliário escolar e educação da postura; livros de leitura escolar: correlação entre gênero textual e idade de desenvolvimento intelectual e moral da criança.
- Experiências em educação escolar: a pedagogia de Robert Owen; a pedagogia de Montessori; o método de Philip Oyler, diretor da escola Morkshin, na Inglaterra; e a República de William George, nos Estados Unidos da América do Norte.

Desses grandes eixos temáticos, foram selecionados e sumarizados os que seguem, tendo em vista a consecução dos objetivos traçados para este trabalho.

4.2.1 Concepções de Educação Escolar

Duas concepções destacam-se das práticas discursivas dos articulistas que tiveram seus artigos resumidos ou glosados na seção “Revista de Periódicos” da revista *Educação*. Uma delas se apresenta como “moderna” e a outra, cuja voz não se fez ouvir, é representada como “tradicional”.

No discurso daqueles que se apresentam como “modernos”, a educação dos sentidos seria uma das principais características, senão a principal, a diferenciar uma da outra. A educação dos sentidos pelos sentidos – com a inclusão de disciplinas e atividades no currículo da escola primária, tais como trabalhos manuais, desenho, modelagem, visitas e excursões de estudos, educação do corpo e educação artística, entre outras – concorreria para a formação integral do educando. De acordo com esse modelo pedagógico, a participação ativa do aluno em todas as atividades escolares é central. Os supostos teóricos dessa “nova” concepção de educar são buscados na ciência. As práticas da escola “moderna” deveriam pautar-se, portanto, pela ciência. São científicos, os critérios que orientam as interrupções (férias e feriados) e as pausas (intervalos) das atividades escolares. A ciência também deve orientar “questões” do ensino, tais como: a aferição de níveis de inteligência dos educandos, tendo em vista a formação de classes homogêneas (Psicologia); a orientação alimentar, com vistas ao adequado e desejado desenvolvimento físico e mental do educando, assim como do seu aproveitamento escolar (Nutrição e Estatística); a educação sexual, com ênfase na reprodução humana (Ciências Naturais); o cultivo da sociabilidade (Educação Física); a valorização social do trabalho manual, o aprendizado da paz e da autogestão (História). A Filosofia, e não a Psicologia, é considerada o principal fundamento da Pedagogia, já que o interesse estaria em conhecer a alma humana, a da criança, em particular. Esse novo modo escolar de aprender também deveria conduzir outras práticas sociais, como a educação doméstica e as atividades comerciais, por exemplo.

A concepção que então se tinha dos saberes e fazeres escolares passa por um processo de metamorfose e se apresenta como resposta às transformações (econômicas, sociais, políticas e culturais) então vividas pelas sociedades no assim chamado “mundo ocidental”.

4.2.2 Questões sobre Prática de Ensino

Muitas e diversificadas foram as questões relativas às práticas de ensino contempladas na seção “Revista de Periódicos”. Essas questões foram agrupadas de acordo com as disciplinas ou atividades escolares às quais se referem, como demonstrado a seguir.

Em artigo sobre as finalidades da **educação física**, Morais Manchego, por exemplo, chama a atenção do educador para que ele esteja atento aos exercícios que destroem ou amesquinham o espírito de iniciativa. Seria necessário, para o autor, fazer com o que o educador aprendesse a distinguir os exercícios do corpo, que desenvolvem o espírito de iniciativa no aluno, dos exercícios que destroem ou amesquinham tal espírito (Artigo publicado em *O Caixeiro*, Lisboa, julho de 1913).

Em artigo que discute como a escola deveria lidar com a **sexualidade**, intitulado “A explicação dos sexos no ensino da história natural”, as tradições deveriam dar lugar à ciência. Segundo o autor (não identificado) desse artigo, o estudante deveria se familiarizar com o problema da reprodução, sem falsos pudores ou embaraços, mas também sem aguçar curiosidades malsãs. A forma, entretanto, de ministrar tal ensino, sem perder de vista a formação de uma cultura moral sólida, segundo os padrões morais da época, não parecia ser tarefa fácil. Por isso, o autor propõe a seguinte forma: iniciar o tratamento do tema com o reino vegetal; passar aos animais inferiores; relacionar, aos caracteres sexuais e aos fenômenos reprodutivos, noções científicas sobre amamentação, geração ovíparas etc.; assim procedendo, o professor conseguiria tornar o assunto sério, de interesse impessoal e pouco escabroso, como outro qualquer. Imperioso seria, portanto, tratar a sexualidade com seriedade e impessoalidade, ou seja, cientificamente (Artigo publicado em *Der Säemann*, Berlim/Leipzig, março de 1913).

A **educação moral** deveria ser direta, ou indireta? Essa era uma questão de ensino bastante candente na Inglaterra daqueles tempos, segundo outro articulista. Em defesa do ensino direto, o autor reconhece, entretanto, a existência de vozes discordantes, segundo as quais o ensino direto, verbal ou livresco, seria artificial e inútil. Essas vozes propunham o ensinamento da moral por intermédio da imitação, sugestão ou convenção, que poderiam ajudar a desenvolver, e até mesmo a criar, tendências éticas (Notas pedagógicas publicadas em *The Journal of Education*, Londres, agosto de 1913).

Outra questão de ensino, desta feita relacionada à **educação artística** (estética) evidencia três pontos caracterizadores da pedagogia moderna, tal como essa pedagogia teria sido compreendida e praticada no começo do século XX: a universalização da educação escolar, a adesão à educação dos sentidos e a opção pela condução científica das práticas pedagógicas. Roger Cousinet, autor do artigo selecionado, que comenta o assunto, considera ser necessário a escola trabalhar no sentido de “formar o gosto das

crianças e colocá-las em estado de produzir o belo”, para que se possa elevar o nível de todas as artes, especialmente da arte decorativa. Ao assim proceder, a escola também estaria contribuindo para que a criança aprendesse a apreciar o belo, a sentir e a amar uma arte que, segundo ele, se rebaixava e se estiolava, por se afastar cada vez mais do grande público. Por isso, conclamava os cientistas (da educação) a investigar as condições e as maneiras de a criança poder ser ensinada a contemplar, a admirar, a compreender o mundo que a circunda. Os recursos para a realização desse objetivo deveriam ser buscados, segundo ele, na criança. O estudo psicológico da criança seria condição necessária à consecução desse fim (“A educação estética na escola primária”, por Roger Cousinet, *L'Éducateur Moderne*, Paris, fevereiro de 1913).

Outra questão de ensino diz respeito à articulação dos saberes trabalhados pela escola. Alguns desses saberes, como o **civismo**, por exemplo, não poderiam ser ensinados à parte das demais matérias e disciplinas escolares. Em artigo sobre a correlação da higiene e da educação cívica, Elisabeth De Bruin afirma que a história e a higiene social estão inteiramente relacionadas com o ensino do civismo. Ao apresentar e defender a tese de que “conhecimento é poder”, a autora reafirma a importância do conhecimento científico para aqueles que se entregam aos problemas sociais, desde que a intenção desses sujeitos seja a produção de “bons resultados”. Desse ponto de vista, o conhecimento científico seria essencial à obtenção de “bons resultados” nas práticas sociais (Artigo publicado em *School Hygiene*, Londres, 1º trimestre de 1913).

Sobre o **ensino de história**, inúmeras questões são apresentadas aos educadores-leitores da seção “Revista de Periódicos”. Além da estreita articulação com o civismo, como visto anteriormente, a história e o ensino da história também são associados a aprendizados de alcance social bastante significativos, tais como a valorização do trabalho manual e a autogestão.

Ao discorrer sobre o civismo na escola, R. K. Polkinghorne, professora de história, afirma que a melhor forma de proceder não seria pela instrução moral direta, nem por afirmações dogmáticas sobre o que os cidadãos deveriam ou não praticar, nem por dissertações ufanistas sobre a pátria. A melhor forma de proceder seria fazer com que as crianças tomassem parte do **governo da escola**. Ao adaptar as lições de história às necessidades da criança, convertendo-as em exercícios de reflexão e não de memorização, a educação cívica poderia tornar-se proveitosa, fecunda, efetiva, real. Essa nova forma de ensinar e praticar a história e o civismo inculcaria no educando deveres como: o interesse pelo país; o respeito às leis; o julgamento cauteloso; a votação ponderada e consciente; a cortesia e o espírito de solidariedade com os seus vizinhos; o respeito às opiniões alheias, ainda que contrárias às suas; em poucas palavras, inculcaria no educando a aceitação, sem subterfúgios, das responsabilidades que cabem a todos os cidadãos. Por fim, a articulista condena, por considerá-las ridículas e inúteis, certas práticas escolares, tais como os simulacros de eleições políticas e as apresentações de projetos de lei. Em suas palavras: “toda lição que tende apenas a fornecer informações históricas dá uma falsa cultura, produz cidadãos inferiores, que ignoram o que querem porque se ignoram a si próprios e tomam a sua (...) erudição por saber, por sabedoria” (Artigo publicado em *The Journal of Education*, Londres, abril de 1913).

Além do civismo, o ensino da história é também associado a outras disciplinas e atividades que compõem o currículo da escola, como os **trabalhos manuais**, por exemplo. Relacionado a esse assunto, “Revista de Periódicos” comentou e resenhou artigos. Um deles, publicado em um importante periódico inglês e assinado por vários autores, trata da educação secundária feminina na Prússia. Nesse artigo, o trabalho manual é apresentado como parte necessária à educação, sobretudo por seu valor social, uma vez que tenderia a corrigir, segundo seus autores, a atitude depreciativa para com as ocupações manuais. Mas, para atingir tal fim, deveria ser correlacionado com outros estudos, como os de história, por exemplo. Por contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da inteligência e do caráter do educando, seria conveniente, na avaliação dos autores, relacionar o trabalho manual com a ciência, com os interesses regionais e de sexo, dedicar-lhe bons professores e reservar para ele o tempo indispensável, alargando as horas da estada na escola, alternando os trabalhos com momentos de descanso, de folguedos e com refeições (“A educação secundária feminina na Prússia”, por vários autores, *The School World*, Londres, agosto de 1913).

Outro artigo associa o ensino da história ao **ensino da paz**. As autoras desse artigo, Helena Wodehouse e Helena M. Madeley, argumentam que as guerras fazem parte da história e trazem “valiosas lições em si próprias”. Estudar, de forma “raciocinada e analítica”, as causas dos conflitos bélicos e seus resultados, confrontando descrições de guerras com descrições de práticas sociais que se lhe opõem, possibilitaria, segundo as autoras, a inculcação de valores e princípios consentâneos à “evolução social” e a subordinação do espírito militarista e guerreiro à lealdade, à inteligência e à justiça. De um ensino da história assim dirigido, resultaria, segundo as autoras, o ensino da paz (“O ensino da história e a paz internacional”, por Helena Wodehouse e Helena M. Madeley, *The Journal of Education and Supplement to the Journal of Education*, Londres, outubro de 1913).

Para outro articulista, Arthur Wolfson, o **ensino da história** teria de fazer com o que o educando aprendesse a ler e a compreender os acontecimentos históricos, não de forma mecânica, mas com intensa experiência de vida, ou seja, plena de significado. Para isso, afirma que a recitação, ou “a conversa entre mestre e discípulos”, seria procedimento a ser valorizado. Por meio dele, o interesse da classe estaria sempre desperto. Esse procedimento, tomado isoladamente, seria, entretanto, de pouca valia. Concomitantemente, o professor deveria observar o seguinte conjunto de práticas: 1) trabalhar as lições, não em função da sequência apresentada pelo livro de história utilizado, mas por assunto, para que o aluno não ficasse refém de uma história que lhe pudesse parecer única, fazendo uso de outras obras, além do livro em questão; 2) ser bastante metucioso quanto a relação entre as datas, a distância secular de certos acontecimentos, dada a fraca percepção de tempo da criança; 3) servir-se de mapas; 4) não corrigir o aluno, mas levá-lo a corrigir-se, evidenciando-lhe o erro, fazendo com que ele próprio verifique os acontecimentos erradamente expostos; 5) propor exercícios escritos aos alunos uma ou duas vezes por semana; 6) promover leituras que evidenciem a compreensão que o aluno tem do que lê

e se sabe relacionar o que lê. Para o articulista, uma das principais finalidades do ensino da história seria ensinar o educando a pensar (Artigo publicado em *Educational Review*, New York, maio de 1913).

O **ensino da história** também foi tema de outro artigo. Bruce Forrest, ao discorrer sobre as utilizações do cinematógrafo nas lições de história universal, destaca a importância das imagens no aprendizado da origem e do desenvolvimento da civilização na Europa, assim como na América. Segundo ele, composições cinematográficas sobre lugares notáveis, monumentos históricos, ruínas gregas e romanas, construções medievais ou no estilo renascença, entre outros monumentos, são muito mais eficazes do que a simples visualização de panoramas imóveis. Com algumas restrições (não declaradas pelo articulista), os professores de história também poderiam recorrer a reconstruções de certas cenas e costumes que os historiadores pintam, e até mesmo a “algumas composições cinematográficas, mais estéticas que reais”, desde que “não briguem de modo nenhum com a verossimilhança e exatidão do tempo a que se reportam” (Artigo publicado em *The School World*, Londres, junho de 1913).

A articulação do **ensino da geometria e da álgebra elementares com a história da matemática** foi outra questão de ensino destacada pelos editores de “Revista de Periódicos”, a propósito de um artigo publicado por J. Ketz. Para esse articulista, os conhecimentos históricos são da maior importância, sobretudo se o professor deseja levar seus alunos a descobrirem por si mesmos as verdades e demonstrações matemáticas. Nas palavras dele, “as demonstrações altamente abstratas e genéricas, a que hoje estamos habituados, foram descobertas por métodos muito mais particulares e concretos”; por isso, seria necessário instruir o aluno, como a humanidade se instruiu. Ao invés de apresentar ao aluno uma ciência constituída, seria desejável apresentar-lhe os problemas que a fizeram se desenvolver. A prática precedeu a teoria, a observação a descoberta, o empirismo a indução, a indução a dedução. Esse deveria ser o caminho a ser percorrido pelo professor (Artigo publicado em *The School World*, Londres, abril de 1913).

Questões relativas ao **ensino de idiomas** também foram contempladas em “Revista de Periódicos”. Os Estados Unidos da América do Norte são apresentados, por William D. Parkinson, como um lugar onde grandes progressos teriam ocorrido nesse campo do ensino. Em artigo publicado no periódico *Educational Review*, Parkinson apresenta as bases científicas para o ensino de idiomas modernos. Segundo ele, o velho método gramatical deveria dar lugar ao moderno método direto. De acordo com esse método, a capacidade de leitura do aprendiz de idiomas modernos seria alcançada por meio da facilidade da fala, sem que para isso fosse preciso usar exclusivamente a língua a ser aprendida. Tais ideias, entretanto, não eram novas, pois teriam sido ressuscitadas, por assim dizer e segundo Parkinson, de escritos de pedagogos alemães do século XVII. Em linhas gerais, as principais características do método direto seriam: 1) colocação da palavra falada, viva, bem pronunciada, no primeiro plano, graças ao desenvolvimento e às contribuições da fonética; 2) regras gramaticais deveriam ser adquiridas de modo indutivo e não dedutivamente; 3) práticas de leitura deveriam substituir práticas de tradução; 4) por fim, a apropriação de uma língua possibilitaria a introdução do aprendiz na própria

vida, costumes, história e civilização dos povos a quem a língua ensinada pertencia (Artigo publicado em *Educational Review*, New York, março de 1913).

Embora os Estados Unidos sejam apresentados, no artigo acima referido, como um lugar onde grandes progressos teriam ocorrido no campo do ensino de idiomas modernos, os professores norte-americanos ainda não dominavam o método ativo, como nos informa W. R. Prince, inspetor geral do ensino das línguas vivas no estado de New York, em artigo publicado no mesmo periódico. Por essa razão, Prince propunha práticas de ensino alternativas, como as que seguem: 1) leitura de um texto, da respectiva língua estrangeira, em voz alta; 2) tradução desse trecho, em casa, como exercício; 3) preparação, de modo a poder responder nessa língua a toda a pergunta formulada sobre o texto em questão (Artigo publicado em *Educational Review*, New York, outubro de 1912).

Ainda em defesa do método direto, ou oral, no ensino de idiomas, Artur W. Pegrum publicou artigo em *The School World* sobre experiências no ensino da língua alemã. A questão de ensino que esse autor levanta diz respeito ao interesse do aprendiz de um idioma estrangeiro no aprendizado do referido idioma, sem que o professor tenha de abrir mão do “moderno método do ensino linguístico por meio da linguagem falada”, o método direto, ou oral. O que um professor de idiomas estrangeiros deveria fazer, segundo Pegrum, para que os seus alunos continuassem interessados e motivados a aprender a língua que lhes era ensinada, sem que ele, professor, tivesse de abrir mão do método oral? A resposta de Pegrum a essa pergunta evidencia certas particularidades do referido método de ensino. Para ele, a língua a ser ensinada não poderia ser encarada como um meio de conversação, pura e simplesmente; antes, deveria ser considerada como um veículo para a transmissão de ideias e aquisição de conhecimento. Para que o método oral não deixasse de satisfazer plenamente os seus fins, o professor deveria escolher, convenientemente, as lições (de artes, ciências etc.) que pretendesse ministrar. A título de ilustração, Pegrum traz sua própria experiência, como professor da língua alemã. Resumidamente, a prática de ensino desse professor seria a seguinte: 1) faz ler literatura alemã nas aulas; 2) depois, a propósito dos textos, solicitar indicações sobre os escritores, traços biográficos, passagens de outras obras; 3) se o que se trabalha é uma *lied* (canção), deve-se cantar esse *lied*; se for poesia, deve-se recitá-la; se prosa, criticá-la e discuti-la consoante as capacidades e conhecimentos do aluno; 4) fazer estudar o que os homens de ciência escreveram na língua lecionada; 5) ensinar elementos de matemática, física ou química, para que o educando se habitue aos vocabulários científicos da língua que estuda e para que mais tarde não encontre dificuldades ao compulsar livros escritos nesse idioma. Tais procedimentos, segundo Pegrum, objetivam manter vivo o interesse do aluno. Mas adverte que o professor deve instilar nos discípulos o seu próprio entusiasmo e que “o entusiasmo floresce melhor numa atmosfera de alegria, nunca onde reina o mal-estar, o aborrecimento, a desatenção” (Artigo publicado em *The School World*, Londres, julho de 1913).

Outra questão sobre o ensino de idiomas diz respeito à importância das práticas de intercâmbio no aprendizado de línguas e culturas estrangeiras. Essa questão foi tratada por G. F. Bridge em artigo publicado em *The School World*, no qual defende a permuta de

crianças entre famílias de línguas e nacionalidades diversas, por um lapso relativamente longo. O acerto dessa prática teria sido evidenciado, segundo o autor, por experiências bem-sucedidas em diferentes países. Distante da sua ambiência cultural (familiar e local), a criança, em contato com outras culturas, adquire e passa a valorizar outros hábitos e costumes, além de progredir sensivelmente nos seus conhecimentos linguísticos (Artigo publicado em *The School World*, Londres, junho de 1913).

Digno de nota são, também, os comentários dos redatores do periódico inglês, *The Journal of Education*, sobre a necessidade de adequação da **formação profissional das massas** ao desenvolvimento (industrial) da sociedade, com base nos avanços da ciência. Dentre os comentários aproveitáveis para Portugal, César Porto, glosador da matéria em questão, cita os seguintes: a) a conclusão de uma discussão sobre a educação que mais pode convir às necessidades do Império (britânico, mas também possivelmente ao português): descobrir o que cada rapaz tem em si de melhor, dando-lhe o ensejo a que isso se desenvolva; b) sobre o ensino no comércio: apoio ao movimento em defesa de um ensino científico das atividades comerciais; c) sobre o ensino da economia doméstica, que ele fosse ministrado em bases científicas (Notas da Redação, *The Journal of Education e Supplement to The Journal of Education*, Londres, julho de 1913).

4.2.3 Experiências em Educação Escolar

Alguns artigos que foram notícia na seção “Revista de Periódicos” da revista *Educação* trazem informações importantes sobre ideias e princípios pedagógicos que circulavam na Europa e nas Américas no começo do século XX. Ideias e princípios que possibilitam esboçar, ainda que em largos traços, modelos sócio-pedagógicos que buscavam orientar as práticas de professores e demais profissionais da educação, alguns deles apresentados como alternativos aos modelos vigentes. Alternativos, sobretudo porque buscavam responder a alguns dos desafios postos pela modernidade capitalista daqueles tempos e espaços. Esses modelos, entretanto, não se apresentam de forma pura, clara e completa, como os constructos que povoam muitos compêndios de pedagogia. São orientações híbridas, nuançadas e incompletas. Algo mutante, em movimento, não se deixando prender, como de resto tudo que é humano, por amarras ou esquemas definidos *a priori*. Por isso, escapam a toda e qualquer definição. Traços, entretanto, possibilitam o desenho dos contornos de alguns deles, como se poderá observar a seguir.

Alguns dos princípios da **pedagogia de Robert Owen**, entusiasta e teórico do socialismo, são objeto de análise de um artigo de autoria de David Pearson, publicado no *Supplement to the Journal of Education*. Para Pearson, a importância atribuída às influências do meio teria sido uma das mais principais contribuições de Owen para a humanidade. A influência do meio teria tornado os homens mais benévolos e tolerantes para com os menos aptos. Tais sentimentos, por sua vez, teriam contribuído para inaugurar uma era de bondade e de esperança para as crianças. Owen teria ainda servido de exemplo para todos os industriais, recusando-se a considerar os operários como braços, como meras ferramentas de trabalho, mas como seres humanos. A humanização das relações sociais

teria sido a pedra de toque da pedagogia de Owen, segundo o traçado de David Pearson (“Robert Owen e o seu trabalho em prol da educação”, por David Pearson, publicado em *Supplement to the Journal of Education*, Londres, setembro de 1913).

O **método Montessori** era assunto da ordem do dia na Inglaterra e fora dado a conhecer ao público inglês pelo então encarregado do *Board of Education*, Mr. Edmund Holmes. Essa informação é fornecida por César Porto, glosador do artigo de Holmes. É de Porto, também, a informação segundo a qual vários educadores ingleses teriam se interessado pelo método e estudavam o italiano com todo ardor, para prescindirem de intérpretes, pois pretendiam acompanhar, em Roma, a sua aplicação. A máxima liberdade que deve ser dada à criança, para que ela cresça em ambiente favorável, é, para Porto, um dos princípios mais importantes do sistema Montessori. Sem liberdade, não haveria crescimento, nem desenvolvimento natural. Educar crianças encarceradas em uma sala e assentadas em carteiras corresponderia, segundo Montessori, ao trabalho de um entomologista que estuda hábitos de borboletas fixadas em caixas de museu. A principal consequência desse princípio seria a transformação do professor em observador. Na avaliação de César Porto, Montessori teria levado muito mais longe o princípio de perfeita liberdade, do que os seus antecessores: Pestalozzi e Fröebel, entre outros (Artigo publicado em *The Journal of Education*, Londres, dezembro de 1912).

Philip Oyler, diretor da **escola Morkshin**, na Inglaterra, criou um método (ou sistema) de ensino que, na avaliação de César Porto, comentador do artigo que Oyler publicou em *The Educational Times*, pode ser contrastado com o método proposto por Montessori. Trata-se de um sistema que também dá plena liberdade à criança, que a ensina a não ser preconceituosa, mas tolerante; que não recompensa, nem pune; que não favorece especializações prematuras; que ensina o trabalho doméstico, antes de ensinar a ler e escrever; que educa igualmente os dois sexos; que põe a criança em contato com a natureza; que procura educar pelo exemplo; que valoriza o amor, a religião, a fraternidade entre os povos; que ensina a criança a fazer seus próprios brinquedos; que preza a autonomia, a independência do educando. Um sistema que, em síntese, visava a fazer das crianças seres autônomos, independentes, mas fraternos e cooperativos (“Fitos e ideais da escola”, por Philip Oyler, *The Educational Times*, Londres, dezembro de 1912).

Outro artigo, também este escrito por um inglês, o Reverendo Frederic Hankinson, e publicado no periódico *The Parent's Review*, traz informações sobre outra experiência educacional, desta feita realizada em território norte-americano. Fundada, em 1895, por William George, a **República de Jorge Júnior** (conforme tradução portuguesa) era uma minúscula república, composta e dirigida por rapazes, no Estado de New York, baseada nos seguintes princípios: 1) as crianças não nascem más, nem boas, mas com possibilidades para o bem, ou para o mal; 2) tudo se obtém através do trabalho; 3) autogestão, para incutir independência e autonomia. Crianças, entre 14 e 17 anos, vivem em dois hotéis (um para meninos, outro para meninas) ou em casas particulares dirigidas por uma mãe adotiva. Anualmente, essas crianças elegem os seus representantes: um presidente e três membros do seu gabinete. Mensalmente, reúnem-se para legislar. Um tribunal, com seus advogados, juiz e júri, reúne todas as terças-feiras, para julgamentos. Diariamente,

recebem cinco horas de aulas. A outra parte do dia é reservada para um grande número de ocupações, tais como: agricultura, trabalhos tipográficos, lavanderia, confecções de vestuário, padaria, etc. Trata-se, segundo César Porto (responsável pela resenha publicada em Revista de Periódicos), de uma organização e de um sistema de ensino voltados para a vida. Trabalho, autogestão, autonomia e independência são os traços que melhor caracterizam as práticas da referida experiência (“A República de Jorge Júnior e as suas lições de caráter”, por Rev. Frederico Hankinson, *The Parent’s Review*, Londres, outubro de 1913).

A preocupação com a higienização das atividades domésticas é assunto de artigo publicado no *Supplement to The Journal of Education*. Advoga-se, nesse artigo, um ensino de economia doméstica em bases científicas (química e bacteriologia). O artigo traz a **experiência do Colégio de Mac Donald**, em Enebec, Canadá, sobre o assunto. De acordo com o articulista (não identificado), o ensino de economia doméstica, nesse colégio, objetivava fazer com que a educanda descobrisse e compreendesse a razão das diversas atividades caseiras e o porquê de certos métodos serem mais indicados que outros na execução dessas atividades. As ciências especialmente estudadas eram a química e a bacteriologia, da forma mais experimental possível. As experiências eram conduzidas de forma original e demonstrativa. A título de ilustração, uma delas tinha por objetivo tornar evidente a nocividade das moscas e consistia em: introduzir alguns desses insetos em um tubo devidamente esterilizado, com caldo de carne de vaca; retirá-los após um minuto; deixar o líquido descansar por um dia inteiro à temperatura de 37 graus centígrados; inocular dois centímetros cúbicos do líquido em um rato ou cobaia sãos, que morreriam em poucas horas. Outras experiências, como essa, eram frequentemente realizadas. Segundo o articulista, o curso, que se estendia por um ano, incluía mais de sessenta experiências, todas elas com o objetivo de evidenciar a ação de bolores, de fermentos e bactérias, mas com referência direta às desinfecções, às limpezas ou à preparação de alimentos. As alunas recebiam instruções, em cartões ou folhas impressas, para a realização das experiências e trabalhavam sozinhas. Quando os estudos eram bacteriológicos, as explicações eram fornecidas em papéis com espaços em branco, para serem preenchidos com as conclusões a que as educandas chegaram. Com esses papéis, elas montavam um caderno e a ele recorriam sempre que necessário. O ensino assim conduzido, prático, eliminaria, segundo o articulista, a habitual perda de tempo produzida por um ensino meramente verbal (Artigo publicado no periódico *Supplement to The Journal of Education*, Londres, julho de 1913).

Por fim, em artigo publicado na revista parisiense, *L’Enfant*, Margarida Gemahling discorre sobre a “missão” dos **jardins de infância**. Estes teriam sido concebidos, segundo autora, para atuarem como uma espécie de antídoto ao desleixo de muitos pais que, ao desobrigarem seus filhos de quaisquer atividades ou concederem a eles liberdade absoluta, acabam por induzi-los à aquisição de perigosos hábitos, além de desperdiçarem “as preciosas qualidades de uma criança”. Os jardins de infância seriam, ainda, um poderoso antídoto aos velhos métodos de ensino, uma vez que sua principal “missão” seria a de ensinar a criança a observar a natureza, prática considerada necessária à sua reprodução,

concretizada por meio do desenho ou da modelação. Para a autora, nos jardins de infância, longe do alcance dos pais e não presa a exercícios escolares, a natural curiosidade da criança poderia ser adequadamente trabalhada. Sem contrariar o vivo desejo da criança de pesquisar o mundo que a rodeia, os educadores da infância ajudá-las-iam a tomar conhecimento do mundo circundante de forma unitária e coerente, evitando, assim, a dispersão e o desvario. Os jardins de infância contribuiriam, ainda, para que a criança desenvolvesse o sentimento de ritmo e da ordem coletiva, mas, diferentemente da escola, conservando a atmosfera de alegria e espontaneidade que marcam a infância (Artigo publicado no periódico *L'Enfant*, Paris, julho de 1913).

Considerações Finais

Menos modelares, talvez, e mais ensaísticas são as práticas sociopedagógicas que se depreendem dos artigos que foram dados a conhecer ao público-leitor da revista *Educação*. Esses artigos fazem circular propostas de homens e mulheres letrados dos mais distantes rincões do mundo (Inglaterra e Estados Unidos da América do Norte, principalmente, mas também da Alemanha, Espanha, França, Uruguai, Prússia, Rússia e até mesmo da China) para o enfrentamento das necessidades e o equacionamento de problemas, tanto os sociais, de uma forma geral, como os “propriamente educacionais”, produzidos por uma sociedade que se fazia cada vez mais moderna, ou seja, urbana e industrial. Antigos modos de viver e pensar cediam lugar a outros. Antigos hábitos e costumes não mais serviam, pois não correspondiam às necessidades produzidas em ritmo crescente. Os relatos de experiências educacionais (alguns deles, apaixonados) e o debate em torno de temas e questões sociopedagógicos, veiculados pela imprensa pedagógica, delineiam os contornos de uma luta (política e ideológica) de representações sobre a formação do ser social.

Práticas educacionais inovadoras foram propostas, ou prescritas. Experiências educacionais foram desenvolvidas com base nessas propostas e prescrições. Outras foram relativamente mais independentes e tiveram caráter mais ensaístico, como a experiência da Escola Oficina nº 1 de Lisboa, nos seus vinte e poucos primeiros anos de existência. Trava-se, então, no âmbito da imprensa periódica especializada em educação e ensino, uma intensa luta de representações sociais. Educar para quê? Para o exercício da cidadania? Para o adestramento dos trabalhadores, sobretudo os da indústria? Para a autogestão? Para o governo de si? A seção “Revista de Periódicos” participou ativamente dessa luta e deu a conhecer uma amostra bastante significativa e representativa dessas representações sociais.

É quase absoluta e unânime a crença na educação, na ciência e no progresso da humanidade. Não apenas a instrução deveria ser o foco das atividades escolares; não apenas a educação do intelecto, mas também a dos costumes. Nesse sentido, a educação escolar deveria ser integral: intelectual, física, estética, moral e cívica, ainda que cada estrato da sociedade de então atribuísse a ela, educação integral, significados e sentidos distintos. Ser moderno, naqueles tempos, era curvar-se aos ditames da ciência. Era deixar-se orientar pelas descobertas científicas. A ciência deveria orientar as práticas escolares. Os processos de ensino e aprendizagem deveriam observar as conquistas da ciência. A

tentativa de escolarização de práticas não-escolares, como as atividades comerciais e as domésticas, por exemplo, é uma evidência da modernização da sociedade naqueles tempos. Escolarizar passava a ser sinônimo de aprender conforme princípios científicos.

O surgimento e a rápida expansão dos aglomerados urbanos (comerciais e fabris, principalmente) fez com que a (falta de) higiene, por exemplo, deixasse de ser um tema da vida privada e passasse a ser um problema de saúde coletiva, fazendo-se, assim, objeto de políticas públicas. As guerras, produzidas em função do redesenho geopolítico da Europa, expressão política do desenvolvimento das relações nacionais e internacionais de produção, é outro exemplo. Elas produziam sujeitos em situações de risco – viúvas e órfãos, principalmente, mas também um exército de mutilados. O desenvolvimento científico e tecnológico e a mecanização da produção de mercadorias elevavam a novos patamares uma velha contradição – a divisão técnica do trabalho e o divórcio entre trabalho intelectual (concepção) e trabalho manual (execução) – e geravam outro grande desafio: a tentativa de anular, ou minimizar a ação devastadora daqueles “tempos modernos” sobre o corpo humano, que insistia em separar a cabeça das mãos. Na ótica dos homens e mulheres letrados que escreveram e tiveram seus textos publicados (integralmente, resumidos ou comentados) em periódicos de educação e ensino, era preciso educar o homem do futuro para a paz, para viver coletivamente em harmonia, para que tivesse uma vida produtiva e, para alguns, para que recuperasse a consciência da indivisibilidade do ser social.

Referências

CANDEIAS, António. *Educar de Outra Forma: a Escola Oficina nº 1 de Lisboa, 1905-1930*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.

_____. Apontamentos Biográficos sobre Adolfo Ernesto Godfroy de Abreu e Lima (1874-1943), Pedagogo e Anarquista. In: CANDEIAS, António; NÓVOA, António; FIGUEIRA, Manuel Henrique. *Sobre a Educação Nova: cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*. Lisboa: EDUCA, 1995, p. 43-64.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modelos Pedagógicos, Práticas Culturais e Forma Escolar: proposta de estudos sobre a história da escola no Brasil (1750-1940). In: *A Escola e a República e outros Ensaio*s. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003, p. 313-355.

CHARTIER, Roger. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UnB, 1999.

Educação. Revista Quinzenal de Pedagogia. Imprensa Nacional de Lisboa: Lisboa, n. 1-24, jan./dez. 1913.

*Recebido em dezembro de 2013
Aprovado em março de 2014*